

ANA CARMEN FRANCO NOGUEIRA _ _ _ _ _ 10

© Ateliê de Artes para Pessoas com Deficiência Visual iniciou seus trabalhos em 2004, em parceria com o Projeto Acesso do Centro Brasileiro Educacional de Apoio Pedagógico Especializado ao Deficiente Visual na cidade de São Paulo. Hoje o Ateliê não é ligado a nenhuma instituição, mas mantém a busca do acesso às expressões artísticas de pessoas com deficiência visual.

O interesse em trabalhar com pessoa com deficiência visual surgiu através da convivência com uma colega de classe em um curso de Direito que, por sinal, nunca terminamos. Na época, nos chamava muito a atenção o fato de que a capacidade de ver ou não ver era muito variável e, justamente por isso, causava muitos conflitos e total falta de compreensão por parte dos colegas e professores.

O mundo da deficiência visual nos era totalmente desconhecido. O ver e o não ver apresentavam um grande desafio. E foi exatamente esse desafio que nos levou a procurar compreender como a pessoa com deficiência visual percebe o mundo e como dar a ela acesso à cultura e à arte.

O início do século XXI trouxe uma série de esperanças e expectativas de como a humanidade pretendia construir o milênio que se iniciava. A Carta para o Terceiro Milênio de 1999, da REHABILITATION INTERNATIONAL, continha uma proposta inovadora em relação à temática da inclusão.

A Carta falava como o progresso científico do século XX aumentou nossa compreensão sobre o valor inviolável da vida de cada ser humano. E, embora tenha havido essa valoração da vida, a ignorância, o preconceito, a superstição e o medo ainda dominam grande parte das respostas da sociedade em relação à deficiência. Está cada vez mais claro que precisamos aceitar a deficiência como parte da vida humana, visto que pelo menos 10% das pessoas já nascem ou adquirem, durante a vida, uma deficiência em qualquer sociedade.

A Carta para o Terceiro Milênio propunha a profunda compreensão sobre o acesso a todos os recursos da comunidade, “eliminando barreiras ambientais, eletrônicas e atitudinais que, ainda hoje, se oponham à plena inclusão do deficiente na vida comunitária”.

Segundo Vigotsky (1997: 19 - 27) o que realmente decide o destino de uma pessoa não é a deficiência em si mesma, mas sim as consequências sociais, suas realizações psicossociais. Uma criança com alguma imperfeição não é inevitavelmente uma criança deficiente. O grau da sua imperfeição e da sua normalidade irá depender do equilíbrio

social (*la compensación social*). Somente a cegueira ou outros defeitos parciais não transforma o indivíduo em deficiente. A deficiência perturba o curso normal do contato da criança com a cultura de seu meio e essa cultura, por sua vez, está adaptada a uma pessoa sem defeitos ou problemas físicos ou mentais. O que torna uma pessoa cega ou com baixa visão um deficiente, é sua exclusão da sociedade, do mundo cultural, do universo do vidente.

A nossa cultura muitas vezes faz com que a exploração do mundo por outros sentidos que não o da visão seja dificultado. Quantos “não toque”, “não cheire”, “não pise” ou “não sinta”, nos são impostos sem que percebamos?

[...] Olha teu corpo compreende e é o sentido, o assunto principal, e contém e é a alma. (WHITMAN *apud* LEHRER, 2009: 17)

Será o corpo uma grande razão?

Pensar o corpo como uma grande razão é o modo que encontramos para desenvolver os trabalhos dentro do ateliê.

Nossa grande questão era como dar acesso às poéticas artísticas, às experiências do mundo, tendo como referencial não a percepção da pessoa com visão, mas sim, o não vidente.

Estar diante de uma pessoa cega ou com baixa visão é estar diante de experiências conflitantes, diferentes das nossas, e este contato nos coloca diante de diferentes percepções, diferentes maneiras de perceber o mundo.

Por meio dos estudos feito pela professora Elcie Masini compreendemos que “para poder saber do DV, é pois necessário aproximar-se de seu corpo e da experiência que ele tem através dos sentidos de que dispõe, de maneira total e não fragmentada”. (MASINI, 1994: 91)

Ao pensarmos em pessoas cegas nos vem à mente a sua capacidade de conhecer e saber do mundo.

Por ser a visão o sentido que mais nos coloca em contato com as coisas, principalmente à distancia e em detalhes, parece no mínimo intrigante pensar como o cego estrutura seu mundo mental e como se apropria do conhecimento das coisas que não pode vivenciar pelo tato, olfato e audição - como o conceito de lua e nuvem, por exemplo. (ORMELEZI 2000: 37)

A pessoa com deficiência visual parece ser alvo constante de interrogação por parte daquele que possui o sentido da visão.

Como ela consegue? Como ela entende? Como ela aprende?

Para que uma pessoa com deficiência visual se organize no mundo é preciso fornecer oportunidades para a exploração de todas as experiências perceptivas. Precisamos derrubar as placas do “Não toque”, e levar em conta os outros sentidos e relembrar que existem muitos receptores sensoriais para conhecermos o mundo em que vivemos, uma vez que “Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria.” (NIETZSCHE 2009: 44)

Então, qual é a chave de acesso para tornar visível o invisível, dizível o indizível, pensável o impensável? Como afirmar a potência criadora da arte para todas as pessoas?

Cada um percebe o mundo de acordo com o seu conhecimento. É através de nosso corpo que percebemos o mundo.

A cada momento, meu corpo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido e que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundir-los nunca com minhas divagações. (MERLEAU-PONTY 2006:5 -6)

Devemos oferecer oportunidade de aprender a perceber. Lembrando Merleau-Ponty(2004:20), é preciso deixar que as coisas entrem em nós ou que o espírito saia pelos nossos sentidos para passear nas coisas.

O fazer artístico é um reflexo da interpretação de um objeto de estudo. Do interno para o externo, é uma realidade interpretada.

Masini (2008: 74), de acordo Merleau-Ponty (2006), considera que para compreender a complexidade do aprender destes sujeitos é preciso ter conhecimento de suas experiências perceptivas. É preciso acompanhar suas manifestações e sua relação com os objetos no uso de seu corpo como fonte de sentidos. É preciso ouvi-lo sobre o que faz e como percebe o que o cerca e como é para ele essa experiência, ou seja, ouvi-lo sobre sua experiência perceptiva.

Não se poderia, pois pensar no aprender senão pelo seu viver factualmente. Isso torna claro que é preciso partilhar com o aprendiz do conjunto dos caminhos de seu corpo, no fazer do dia-a-dia, para saber da sua experiência perceptiva (Ibid. : 79).

Repetindo Merleau-Ponty (2004: 16), assim como o artista empresta seu corpo ao mundo para tornar visível o que passou por ele, a pessoa com deficiência visual pode fazer uma descrição de sua experiência perceptiva de situações vividas e encontrar novas formas de linguagem e expressão. O deficiente visual irá compreender a obra de arte por meio de distintas fontes de informação (cinestésica, háptica, auditiva e proprioceptiva).

Desfrutar do processo criativo, é oferecer a oportunidade de reconstrução da personalidade, é dar autonomia e oferecer possibilidades de novas vivências e novos sentimentos, fazendo com que cada indivíduo tenha maior consciência para enfrentar suas escolhas. Possibilitar ao deficiente visual o fazer e o compreender arte, é uma maneira de ampliar o seu mundo e oferecer uma melhora na sua organização espacial e, consequentemente, uma melhora em todos os processos de aprendizagem, favorecendo sua socialização junto aos videntes.

Em nossa experiência dentro do Ateliê pudemos acompanhar o desenvolvimento e enriquecimento da capacidade criativa de cada um dos indivíduos que atendemos. O que nos fez observar a evolução de cada um não foi uma única obra criadora, mas o processo que se estabeleceu, através de realizações contínuas de decisões, da nova postura diante do aprender e da disponibilidade para um *re-fazer* transformador.

Ao planejarmos nossas aulas, pensamos em como assinalar os caminhos da aprendizagem, como incentivar o aluno a percorrer este caminho desperto para o novo

e para o desconhecido, como, enfim, aguçar a curiosidade. Por meio da arte podemos decifrar o mundo e a nós mesmos. A obra de arte e o fazer artístico proporcionam a experiência criadora onde nos diferenciamos e nos encontramos, “o pintor traz seu corpo para ver o que não é ele, o músico traz seu corpo para ouvir o que ainda não tem som, o escritor traz a volubilidade de seu espírito para cercar aquilo que se diz sem ele”. (CHAUI, 2002: 163)

A cada semestre apresentamos um projeto a ser desenvolvido pelos alunos baseado nas suas necessidades. O projeto para se tornar válido deve ter a aprovação de todos. Ao apresentarmos um artista, temos a intenção de apresentar a sua poética. Para desenvolver um trabalho de compreensão de diferentes poéticas, acreditamos ser preciso compreender o artista, o seu mundo, a sua busca e as suas faltas. Acreditamos que é preciso valorizar a bagagem de cada um e compartilhar conhecimentos que engrandecem o grupo. Mesmo que os trabalhos sejam elaborados em encontros individuais, as dúvidas, descobertas e experiências são sempre compartilhadas. Acreditamos que para a compreensão do ato criativo a pessoa com deficiência visual deve compreender aquilo que está percebendo e ter capacidade de externar. É muito importante saber explorar, experimentar e compartilhar seu conhecimento.

O deficiente visual, assim como o vidente, quer utilizar a obra de arte como uma maneira de expressar algo, entender as relações humanas e refletir sobre o mundo.

A experiência concreta do fazer criativo, de dar “corpo” ao que estava em sua imaginação, de executar uma idéia, ofereceu a esses indivíduos a possibilidade de representar o seu mundo e de tornar visível o invisível. “Na arte, o ver não é tão importante quanto o tornar visível.” (KLEE, 2001: 31)❖



1. e 2. Ateliê de Artes.
(Foto AC. Nogueira)

REFERÊNCIAS

- #*Carta para o Terceiro Milênio*. Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/saude/deficiencia/0008/Carta_para_Terceiro_Milenio.pdf. Acesso em: 23 set 2003.
- #CHAUI, Marilena. Obra de Arte e Filosofia. In: CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento*: Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 151-195. Coleção tópicos.
- #KLEE, Paul. *Sobre a arte moderna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P. 126.
- #LEHRER, Jonah. *Proust era um Neurocientista*: Como a arte antecipa a ciência. 1. ed. Alfragide: Lua de Papel, 2009. P. 271. Tradução Ana Carneiro.
- #MASINI, Elcie; F. Salzano. *O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual*: orientando professores especializados. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. P. 159.
- #MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. P. 166.
- #MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- #NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 272. 2ª Reimpressão.
- #ORMELIZI, Eliana Maria. *Os Caminhos da Aquisição do Conhecimento e a Cegueira*: do universo do corpo ao universo simbólico. 2000. f. 273. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- #VYGOTSKI, Lev Semenovitch. *Obras escogidas V*: fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.